



# ARTIGOS

# Considerações sobre a forma peculiar de leitura de Marx por Mészáros: reflexões sobre o *método*

*Considerations on the peculiar way Mészáros reads Marx: reflections on method*

Demetrio Cherobini\*

## Resumo

O presente artigo busca analisar as peculiaridades e os aspectos fundamentais do método de pesquisa e de conceituação do capital tal como utilizado por István Mészáros a partir de sua interlocução crítica com a obra de Marx, sua principal fonte de referência. Esses aspectos dizem respeito, basicamente, à consideração da obra global de Marx, em sua totalidade e movimento, como fonte de novas elaborações teóricas realizadas a partir de questionamentos concernentes aos problemas da época histórica presente, com suas características e desenvolvimentos específicos.

**Palavras-chave:** Marx; Mészáros; método

## Abstract

*This article seeks to analyze the peculiarities and fundamental aspects of research method and conceptualization of capital used by István Mészáros from his critical interlocution with the work of Marx, his main source of reference. These aspects basically concern the consideration of Marx's total work in its totality and movement as the source of new theoretical elaborations based on questions relating to the problems of the present historical epoch with their specific characteristics and developments.*

**Keywords:** Marx; Mészáros; method

---

\* Cientista social, Mestre e Doutor em Educação (UFSC).

*A relação com Marx é a verdadeira pedra de toque de todo intelectual que leva a sério o esclarecimento de sua própria concepção de mundo e do desenvolvimento social, particularmente a situação atual, a sua inserção nela e seu posicionamento frente a ela. A seriedade, o escrúpulo e a profundidade que dedica a este problema indicam se e em que medida o intelectual pretende, conscientemente ou não, furtar-se a uma clara tomada de posição em face das lutas históricas contemporâneas.*

Georg Lukács

István Mészáros foi um autor que sempre se preocupou com a necessidade de formulação de *sínteses teóricas* sobre o momento histórico vivido, sobre a sociedade capitalista em cada etapa de sua contemporaneidade, onde a luta pelo socialismo demonstra possuir atualidade. A teoria sobre o sistema do capital que o filósofo busca realizar em suas obras, sobretudo na maior delas, *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*, é um exemplo desse intuito, cultivado desde seus anos iniciais de formação, quando vivia em Budapeste e estava sob orientação e estímulo de seu mestre e amigo Georg Lukács<sup>1</sup>. Conhecer a essência do capital em seu momento atual é, sem dúvida, imprescindível para os que lutam pela sua superação, para os que pretendem a elaboração de uma estratégia política capaz de orientar ações no presente que possam desencadear o movimento de transição rumo à comunidade humana emancipada, o comunismo.

A necessidade da síntese teórica é, assim, em última instância, uma necessidade política, gerada por contradições e tensionamentos postos pela própria prática social. Como afirma Mészáros, nesse sentido, “*toda teoria social que se preze constitui-se com base em – e em resposta a – uma situação histórica específica*, que, como tal, requer a solução de um determinado conjunto de tarefas práticas” (2008, p. 37; grifos nossos). Para estar à altura desse compromisso, o esforço de síntese exige intensa e constante atenção investigativa acerca do objeto complexo que se quer desvendar, o qual se transforma a cada dia, numa dinâmica que envolve elementos de continuidade e descontinuidade em relação às suas formas anteriores, como se verifica na história do sistema do capital e do capitalismo.

Exige, também, um rigoroso debate crítico com a tradição passada, com o

<sup>1</sup> Desde 1951, Mészáros já se ocupava com o problema da necessidade de *sínteses teóricas*, chegando inclusive a debatê-lo com Georg Lukács, como bem sublinha Maria Orlanda Pinassi (2011). A autora destaca que, bem antes de escrever sua obra mais importante, *Para além do capital*, lançada em 1995, Mészáros já possuía uma “*síntese in statu nascendi*”, materializada no livro *A teoria da alienação em Marx*, escrita entre os anos de 1959 e 1969 e publicada em 1970. Mészáros certamente recebia, nessa época, a influência de Lukács a respeito da necessidade de um “renascimento do marxismo” e da escrita de um *O Capital* referente a nossa época histórica, como afirma José Paulo Netto (2008).

conhecimento acumulado e expresso nas teorizações anteriores que, por sua vez, também visaram sintetizar os saberes e as experiências revolucionárias da classe trabalhadora em seu vir-a-ser histórico. Incorporando tais exigências, Mészáros inscreve-se nesse debate e toma ninguém menos que a figura de Marx como seu principal interlocutor. A compreensão da teorização proposta pelo pensador húngaro faz com que seja necessária, por isso, a elucidação sobre como se dá essa assimilação em relação a sua mais importante fonte de referência.

Sem deixar de considerar Marx um *contemporâneo*<sup>2</sup>, na medida em que toma o filósofo alemão como o mais arrojado teórico sobre o *capital* – ou seja, sobre a forma social que continua, hoje, a dominar o sociometabolismo da humanidade –, Mészáros também leva em conta as diferenças entre o tempo histórico em que escreve e aquele em que se situa o autor de *O Capital*. Entretanto, é exatamente por causa dessa unidade entre identidade e diferença de temporalidades históricas que o estudo da obra de Marx impõe-se.

Certamente, a sociedade de hoje é bastante diferente do contexto do ano de 1867, quando a grande obra marxiana veio à luz, e, como tal, apresenta problemas próprios a serem resolvidos. Mas essa ida ao passado é sumamente necessária, não somente para que o passado seja reavaliado sob as luzes que lhe joga o presente, mas também para que o presente seja esclarecido, na medida em que as teorizações realizadas em épocas idas podem auxiliar na compreensão do contexto atual, com vistas a que a luta pela sociedade futura possa ser melhor empreendida. Como afirma o filósofo húngaro,

a reflexão sobre o passado só pode originar-se do significado que o próprio presente oferece [...] ou seja, para a solução das tarefas atuais –, mas o ato mesmo de reflexão, pelo fato de estabelecer determinadas relações com o passado, também determina inevitavelmente sua própria orientação. Assim, a reflexão e a investigação crítica tornam-se autorreflexão e autodefinição críticas. O significado do presente é utilizado como uma chave para revelar o significado do passado que conduz ao presente, o qual, por sua vez, revela dimensões anteriormente não identificadas do presente que conduzem ao futuro, não sob a forma de determinações mecânicas rígidas, mas como antecipações de objetivos vinculados a um conjunto de motivações interiores. Desse modo, estamos envolvidos num movimento dialético que conduz do presente para o passado e do passado para o futuro. Nesse movimento, o passado não está em algum lugar *lá*, em sua remota finalidade e “clausura”, mas bem *aqui*, “aberto” e situado entre o presente e o fu-

<sup>2</sup> Como atesta o artigo de Mészáros, “Marx, nosso contemporâneo, e seu conceito de globalização” (2004).

turo, por mais paradoxal que isso possa parecer a quem pense em termos de “ordem intelectual” da cronologia mecânica. Pois o fato é que o presente não pode ter senão uma mediação entre ele próprio e o futuro: não o vazio momento infinitesimal que o separa do que vem a seguir, mas sim uma grande riqueza e intensidade de um passado trazido à vida no tempo de exposição da reflexão penetrante e do autoexame crítico. (2012, pp. 71-72; grifos de Mészáros)

Assim, cremos que, sob a premência de problemas atuais, a confrontação crítica entre passado e presente, expressa respectivamente nas obras de Marx e Mészáros, serve para iluminar a ambos e fecundar positivamente a luta contemporânea dos trabalhadores. O estudo feito por Mészáros sobre a época atual, imbuído pela necessidade política da síntese teórica, pretende, assim, elucidar o que na obra de Marx é capaz de fornecer meios fecundos para a compreensão do próprio presente, que, sob o prisma da nova elaboração teórica, pode revelar quais os caminhos passíveis de serem aproveitados para os combates que visam a conduzir ao futuro emancipado da humanidade.

Claro está que a leitura, por parte de Mészáros, do passado corporificado na obra de Marx não é arbitrária. Há, por certo, uma margem de possibilidades para qualquer investigador que, no presente, busque a realização dessa interlocução crítica com o criador do materialismo histórico. Essa margem de possibilidades é dada pelo caráter intrínseco da obra mesma, que, pela sua natureza – aberta, mas com especificidades –, limita o espectro de interpretações possíveis.

Como reconhece o próprio Mészáros: “embora o passado seja inesgotável, por certo não é desprovido de caráter. Não pode ser simplesmente moldado, de qualquer modo que se queira, de acordo com fantasia e caprichos arbitrários: o peso e a lógica interna de sua evidência estabelecem limites objetivos a possíveis reinterpretações” (*ibidem*, pp. 74-75). São os problemas *atuais*, repetimos, provenientes das lutas atuais e visando o futuro, que guiarão a leitura da obra passada, e, sem deixar de levar em conta o seu caráter específico, estabelecerão a direção na nova síntese pretendida, que, por sua vez, sempre estará aberta a novos balanços críticos e a novas reformulações. Nas palavras, mais uma vez, do filósofo húngaro:

À medida que o homem constrói a própria história, com base em determinações temporais e estruturais – preservando-as e superando-as –, certas características do passado, antes não visíveis, passam para o primeiro plano. Eram invisíveis não porque as pessoas fossem cegas ou enxergassem mal (embora, é claro, haja também inúmeros desses casos), mas porque não existiam da mesma forma antes da articulação objetiva de *relações* determinadas. [...] O futuro não inventa nem cria

as características do passado, mas as sistematiza no decorrer de sua própria autorrealização. Isso cria a necessidade de reinterpretações constantes, e, ao mesmo tempo, estabelece limites objetivos que definem muito bem que curso elas devem tomar e até onde podem ir. (*idem ibidem*; grifo de Mészáros)

Isso significa que não podemos ter a pretensão da reinterpretação “absoluta”, o que seria, na visão de Mészáros, algo completamente absurdo e contrário ao traço característico da abordagem marxista<sup>3</sup>. Sua proposta, nesse contexto, é a de, sem querer dar a palavra final sobre Marx ou sobre a sociedade contemporânea, deixar “abertas as linhas de pesquisa, ao invés de tentar em vão fechá-las [...] uma abordagem desse tipo sem dúvida rejeita radicalmente as ilusões de definitividade e de completa conclusão” (2012, p. 75). Ao contrário de uma certa vulgata, que crê ter a palavra última das coisas, não há, na visão do filósofo húngaro, “tratamento definitivo” de um autor particular ou da própria história<sup>4</sup>. Leiamos, mais uma vez, o que escreve a esse respeito:

A história não é simplesmente inalterável, mas inesgotável. Isso é o que dá sentido à preocupação que se tem com o passado e determina a necessidade de constantes reinterpretações. Nada mais absurdo do que a ideia de “história definitiva”, de “tratamento definitivo” deste ou

<sup>3</sup> Aqui, podemos juntar uma reflexão de David Harvey dotada de um espírito semelhante: “cabe a cada leitor traduzir *O Capital* de modo que tenha sentido para a sua vida. Não há – e não pode haver – uma interpretação definitiva, precisamente porque o mundo está em contínua mudança. Como provavelmente diria Marx, *hic Rhodus, hic salta!*” (2013, p. 23).

<sup>4</sup> Isso não significa uma postura relativista por parte de Mészáros em sua pesquisa, mas, ao contrário, a plena assunção de que a objetividade existe, é passível de ser apreendida e é mutável historicamente. Nas suas palavras: “o significado, em qualquer nível e em todos os contextos, não se *descobre* simplesmente no objeto das pesquisas de alguém (como supõem certos criadores de mitos, sociológicos ou de outras ‘ciências’, condenando-se a ficarem ziguezagueando no nível de generalidade de uma lista telefônica, sem a manifesta função que esta possui), mas *desdobra-se* a partir dele pelo significado da temporalidade pesquisadora. [...] O que faz das biografias de Isaac Deutscher obras duradouras não é o fato de conterem tudo em forma ‘definitiva’ (e como poderiam?), mas sim o de oferecerem uma seleção significativa de dados, *relevantes* à sua própria busca e à orientação de seus contemporâneos. Assim, o fator isolado mais importante na constituição do significado é a paixão subjacente que dá vida à própria pesquisa. Tudo isso não significa, é claro, que a objetividade na história seja negada. Ao contrário, uma definição precisa de sua natureza e de seus limites salva a objetividade histórica da desgraça do relativismo extremado que ela suporta pelas aspirações contraditórias do positivismo e do ‘cientificismo’ [...]. Alguns [dados] são mais significativos do que outros, e alguns são mais significativos a dada época do que a outra. A objetividade da história não é objetividade de um prego, muito menos de uma pedra [...]. A objetividade histórica é dinâmica e mutável, como é a *vida*, não em si e por si – pois isso ainda se poderia reduzir a um conjunto de leis naturais mais ou menos simplificadas –, mas à medida que evolui, sobre uma base natural radicalmente modificada pelo trabalho e pela autorreflexão, dentro da *esfera social*. A objetividade da própria busca é determinada pelas condições de uma dada temporalidade, a qual, obviamente, implica antecipações e avaliações de tendências futuras de desenvolvimento. Não obstante, em sua objetividade dinâmica, toda pesquisa está sujeita a critérios de avaliação com respeito tanto aos seus determinantes sociais (inclusive suas limitações) quanto à natureza (realista ou de outro tipo) do que prevê” (2012, pp. 73-74; grifos de Mészáros).

daquele período, ou de uma “biografia definitiva” etc., a qual teria como corolário a antecipação de um estágio em que, dada a acumulação abundante de grande quantidade de coisas definitivas, não haveria mais necessidade de reexame constante da história. Caso ocorresse esse tipo de “definitividade”, não seria apenas o historiador que poria de lado sua atividade, mas o próprio homem, que só pode ignorar ou rotinizar seu passado à custa da decapitação do próprio futuro. (*ibidem.*, p. 72)

Além desses pressupostos, centrais na abordagem de Mészáros em relação ao pensamento de Marx, é preciso ressaltar que o *método* utilizado pelo filósofo húngaro para a realização de sua síntese não consiste numa formulação abstrata, fundamentada em si mesma, que existiria antes mesmo da realização da pesquisa. Ao contrário, a postura de Mészáros, aqui, possui o caráter rigoroso de uma ontologia social materialista<sup>5</sup>. Ou seja, vai ao real como tal, ao ser do capital como este se apresenta, deixando que o seu próprio movimento revele as categorias fundamentais de que é constituído. A pesquisa mesma vincula-se ao processo de reconstrução ideal do ser concreto real. É nesse processo analítico que ganha sentido o diálogo com a obra global de Marx, fazendo com que o real a ilumine e seja iluminado por ela, fornecendo, desse modo, as condições para uma nova elaboração teórica, sintética, que nunca é, como dissemos acima, absoluta ou definitiva<sup>6</sup>.

Claro está que, para Mészáros, os métodos têm, necessariamente, um *fundamento social* (eis o sentido de sua ontologia materialista). Essa fundamentação dá-se no âmbito da *forma* da sociedade, que se expressa sempre na *forma* do método utilizado. O filósofo húngaro elucida claramente sua tese quando centra a análise no caso específico das determinações levadas a efeito pelo sistema de controle sociometabólico do capital. Leiamos o que escreve nesse sentido:

Como sabemos, a *formação social* dominada pelo poder do capital estende-se ao longo de um amplo período social cujo fim ainda não está à vista. Contudo, *além das mudanças materiais de vasto alcance que caracterizam a fisionomia intelectual das fases específicas do de-*

<sup>5</sup> Conforme Mészáros estabelece em *Para além do capital*. O filósofo húngaro segue, aqui, a concepção ontológica desenvolvida pelo próprio Marx, bem definida nesses termos por J. Chasin: “investigação do ente autoposto em sua imanência, seja esse uma formação real ou ideal; procedimento teórico [...] em que a tematização, isto é, a reprodução ideal das *coisas* é procedida a partir delas próprias, da malha ou do aglutinado de seus nexos constitutivos, processo analítico pelo qual são desvendadas e determinadas em sua gênese e necessidade próprias” (2009, p. 74; grifo de Chasin).

<sup>6</sup> É compreensível que os portadores do saber absoluto sobre a obra de Marx e sobre o real histórico discordem de Mészáros já nesse princípio.

*envolvimento do sistema capitalista, há também algumas grandes continuidades. São estas últimas, em específico, que circunscrevem os grandes parâmetros metodológicos, de acordo com as circunstâncias da era do capital como um todo, com características identificáveis de forma nítida. [...] [Desse modo,] compreende-se que as fases particulares do desenvolvimento socioeconômico são marcadas por significativas inovações teóricas e metodológicas, de acordo com as circunstâncias em modificação. É importante salientar, porém, que todas essas mudanças metodológicas e transformações teóricas têm de se acomodar em relação aos limites restritivos da moldura estrutural comum que define a época em sua totalidade.* (2009, p. 9; grifos nossos)

Para Mészáros, portanto, as *formas* dos métodos são estruturalmente homólogas às *formas* das sociedades das quais eles são expressão<sup>7</sup>. Em uma formação social específica, como a que vige a relação-capital, por exemplo, podemos verificar como isso se dá: o sistema do capital modifica-se com o desenrolar da história (“mudanças materiais de vasto alcance”), em virtude de suas próprias contradições internas. Contudo, apresenta continuidades em sua estrutura, e são estas que, justamente, “circunscrevem os grandes parâmetros metodológicos” das produções teórico-sociais significativas do período histórico em que nos situamos.

O filósofo húngaro afirma, a fim de complementar essa reflexão, que

os parâmetros metodológicos fundamentais das épocas históricas são circunscritos pelos *limites estruturais últimos* de sua força dominante de controle sociometabólico e, como tal, são definidos segundo as potencialidades (e, evidentemente, também de acordo com as limitações) inerentes ao modo dominante de atividade produtiva e à correspondente distribuição do produto social total. (*ibidem*, p. 10; grifos de Mészáros)

<sup>7</sup> Em um opúsculo dedicado à questão do método em Marx, José Paulo Netto explica que “Para Marx, o método não é um conjunto de regras formais que se ‘aplicam’ a um objeto que foi recortado para uma investigação determinada nem, menos ainda, um conjunto de regras que o sujeito que pesquisa escolhe, conforme a sua vontade, para ‘enquadrar’ o seu objeto de investigação. [...] Ele [Marx] nos descobriu a estrutura e a dinâmica *reais* do capital; não lhe ‘atribuiu’ ou ‘imputou’ uma lógica: extraiu da efetividade do movimento do capital a *sua* (própria, imanente) *lógica* – numa palavra, deu-nos a teoria do capital: a *reprodução ideal do seu movimento real*. E para operar esta reprodução, ele tratou de ser *fiel ao objeto*: é a estrutura e a dinâmica do objeto que comandam os procedimentos do pesquisador. O método implica, pois, para Marx, uma determinada *posição* (*perspectiva*) do sujeito que pesquisa: aquela em que se põe o pesquisador para, na sua relação com o objeto, extrair dele as suas múltiplas determinações” (2011, pp. 52-53; grifos de Mészáros).



Para Mészáros, então, os parâmetros metodológicos das épocas históricas particulares são determinados pelos *limites estruturais últimos* da sua força de controle sociometabólico dominante, “em conformidade com o tipo prevalente de atividade produtiva e a correspondente modalidade de distribuição. Qualquer tentativa teórica de escapar dessas determinações, na equivocada busca de ‘metateorias’ evasivas, pode apenas prejudicar o empreendimento [teórico-investigativo]” (*ibidem*, p. 17).

Isso significa que não se pode discutir o método sem compreender a estrutura *real* da qual ele é uma reprodução *ideal*. Em outras palavras, elaborar o conjunto de categorias intelectuais que permitem mediar e apreender concretamente um determinado objeto histórico exige que se discuta, concomitantemente, as categorias reais, isto é, a formação social – o conjunto de suas *mediações* práticas específicas constituintes<sup>8</sup> – de onde o próprio método deverá se originar.

É por esse motivo que a compreensão do método em Mészáros se faz a par e a passo com a compreensão do objeto por ele analisado – o capital, tal como se estabelece em nossa época histórica. Daí que suas formulações nesse sentido são intimamente dependentes das mediações *reais* que compõem o objeto em questão, as mediações de primeira ordem (invariáveis historicamente), as mediações de segunda ordem (variáveis historicamente, tanto as que compõem o ser do capital “em geral”, quanto as que definem a sua fase específica de “crise estrutural”), e, além disso, a realização do método exige também que se aponte, em linhas gerais, as mediações futuras, a serem realizadas pela comunidade humana emancipada, visto que a afirmação destas também participará da orientação do processo de pesquisa.

Pois, como explica o próprio Mészáros,

qualquer solução apontando na direção da alternativa hegemônica historicamente sustentável do trabalho, vislumbrada através do inevitável período de transição, deve partir das condições *realmente dadas* da ordem sociometabólica dominante, com suas premissas e seus imperativos práticos frequentemente ocultos mas impostos de modo fetichista. Uma abordagem metodológica válida da teoria de transição exigida nesse sentido é viável apenas se satisfizer duas condições

<sup>8</sup> Mészáros afirma, nesse sentido, que “com relação ao método, a *mediação* é a categoria mais importante tanto teórica como prática em nossa época de transição histórica. Não pode haver surpresa nisso. Teórica porque em vista da magnitude do desafio que temos de enfrentar, nada pode ser conquistado com êxito sem uma concepção *intelectualmente coerente* e verdadeiramente *abrangente* da mediação. E, na prática, porque é impensável instituir na ordem social estabelecida as mudanças qualitativas exigidas sem adotar as formas apropriadas de *mediação prática* que podem fazer historicamente viável no futuro nosso iniludível modo de reprodução sociometabólica – como seres *mediados* por si próprios da natureza que devem assegurar até no mais longo prazo suas condições de existência numa interação plenamente adequada com a natureza” (*ibidem*, p. 277).

necessárias: (1) a clara definição de seu ponto de partida em relação às determinações *objetivas* do arcabouço estrutural *efetivamente dado* da sociedade, com suas contradições realmente existentes e antagonismos inextirpáveis (o que implica, de maneira evidente, a crítica de suas conceituações tendenciosas e, especialmente na fase descendente do desenvolvimento do sistema, a distorção cada vez mais apologética do estado de coisas historicamente dado a partir da perspectiva privilegiada, serviente a si mesma, do capital); (2) a indicação dos traços gerais da *alternativa hegemônica do trabalho sustentável a longo prazo* à ordem estabelecida. (*ibidem*, p. 261; grifos de Mészáros)

Temos, então, que os desafios impostos à humanidade pelo capital, em nossos dias, tornam necessária uma nova síntese teórica que possa auxiliar as lutas revolucionárias dos trabalhadores por sua emancipação. Esse esforço investigativo guia-se pelo objetivo da análise crítica das mediações reais que controlam o sociometabolismo humano e pela necessidade de ultrapassá-las no sentido do processo de transição socialista. Marx é, sem dúvida, a principal fonte teórica em que bebe Mészáros a fim de realizar seu intento. Mas como, afinal, a obra do filósofo alemão é abordada?

Mészáros leva em consideração a *totalidade* da obra de Marx como fonte heurística para suas próprias formulações conceituais. Através de um bom número de estudos realizados pelo filósofo húngaro, podemos constatar que tal procedimento é constante em sua produção teórica como um todo<sup>9</sup>. Fica claro que a abordagem mézárariana leva em conta a obra *global* do autor investigado, tomando-a como uma realidade em *movimento* e que, por esse motivo, precisa ser compreendida *dinamicamente*. Esse método permite apreender os elementos de *continuidade* e *descontinuidade* da obra perquirida, e, além disso, aquilo que Mészáros chama de “ideia sintetizadora fundamental”, isto é, a fonte teórica da organização das formulações do autor estudado.

Tal procedimento possibilita, assim, vislumbrar as *tensões* e as *contradições* não resolvidas presentes na teoria em questão: como elas se formam, se estruturam, se transformam (numa escala temporal que pode ser mais ou menos longa) e como se desenvolvem em sua totalidade. Tudo isso, evidentemente, levando-se em consideração a *situação histórica* do intelectual analisado, como ele se insere em seu contexto, vive as transformações de seu tempo e as expressa em seus constructos intelectuais.

<sup>9</sup> Pensamos, aqui, por exemplo, no importante ensaio crítico sobre Lukács feito por Mészáros ainda na década de 1960, *O conceito de dialética em Lukács* (2013), no seu estudo sobre *A teoria da alienação de Marx* (2006) e na sua investigação sobre *A obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história* (2012).

Desse modo, a abordagem de Mészáros exige a *não separação rígida* entre os diferentes momentos da obra de um pensador. O essencial, na investigação, é considerar suas elaborações como um todo dinâmico, a fim de se poder captar o “núcleo organizador” dessa formulação teórica. Nas palavras do filósofo húngaro:

Os principais contornos de uma ideia [isto é, o núcleo organizador de uma determinada concepção teórica] podem – e devem – estar presentes na mente do filósofo quando ele elabora, em um texto específico, algumas de suas implicações concretas em contextos particulares. Essa ideia pode passar, é claro, por mudanças significativas; os próprios contextos particulares requerem constantes reelaborações e modificações em consonância com as características específicas das situações concretas que têm de ser levadas em conta. Mas até mesmo uma conversão genuína do “idealismo” para o “materialismo” não implica necessariamente uma rejeição ou repressão radical da ideia sintetizadora original. (2013, p. 33)

Essa concepção é central para Mészáros. A *ideia sintetizadora fundamental* de um autor já é discernível em estágios ainda iniciais da formação de seu pensamento. A despeito das modificações significativas que nela se verifiquem ao longo do tempo, não ocorrem rupturas absolutas. Tal ideia fundamental passa, de fato, por mutações. Sua forma altera-se constantemente, em razão das transformações históricas e das novas respostas que o intelectual fornece aos desafios com que se depara. Mas ela permanece como um fio subterrâneo que interliga os vários momentos de sua produção intelectual a ponto de lhe assegurar a *unidade*<sup>10</sup>.

Ainda que longa, a passagem a seguir é importante para ilustrar bem o pensamento do filósofo húngaro a esse respeito, bem como sua forma teórico-investigativa de proceder:

Para considerar o conjunto de uma obra global, é preciso integrar a totalidade de cada um dos pontos e fases num movimento dinâmico, sem eliminar a vitalidade existencial dos elementos individuais. Qualquer tentativa de universalizar diretamente uma determinada fase –

<sup>10</sup> Mészáros explica que “a extraordinária coerência da obra global não é preconcebida. Não resulta de um projeto original que se impõe em todos os detalhes à medida que o tempo passa: essa seria uma unidade externa, artificial. Ao contrário, aqui isso tem a ver com uma *unidade interna* que prevalece através das mais variadas manifestações de divergência formal. Essa é uma unidade *em evolução* que *emerge* mediante *explorações* mais ou menos espontâneas dos ‘caminhos da liberdade’ – ou, nesse caso, dos múltiplos obstáculos à liberdade –, sejam eles quais forem. A unidade é, pois, *estrutural* e não *temática*: esta última seria por demais restritiva para a obra global” (2012, p. 29). Mészáros, aqui, refere-se ao caso de Sartre, especificamente. Mas, em sua obra, o mesmo tratamento teórico e investigativo é dado a autores como Marx e Lukács.

que é sempre constituída de elementos mais ou menos conflitantes – resultará apenas numa *projeção* histórica de uma parte específica sobre o todo e, ao mesmo tempo, na liquidação da tensão dinâmica a ela inerente. Pois qualquer fase específica representa *ipso facto* também um nível específico de realização e de ponto de repouso, o qual, se generalizado, inevitavelmente cristaliza o movimento (que chegou até ele e prosseguirá depois dele) e distorce seriamente a figura como um todo. Em contraposição, o único modo de proceder propriamente histórico é utilizar o *próprio movimento* como *princípio de seleção* aplicado a todos os pontos e fases específicos. Consequentemente, esses elementos serão iluminados em todas as particularidades do desenvolvimento de um autor, as quais representam os *elos* do movimento global e, assim, mostram a *tendência* fundamental de seu desenvolvimento. Desse modo, a universalização surgirá como a *estrutura global* – uma estrutura dinâmica e não estática – cujos elementos individuais possuem pesos relativos que variam. Pois aquilo que *domina* um ponto ou fase específicos pode, em outros, ocupar posição muito subordinada, e vice-versa; e é o *padrão global* – o todo dinâmico – que, em última instância e objetivamente, determina as correlações estruturais respectivas, talvez atribuindo um peso relativo muito maior a um dado elemento de força embrionária do que aos elementos temporariamente dominantes, mas transitórios, cuja importância diminui à medida que se desdobra o padrão do desenvolvimento global. (*ibidem*, p. 99; grifos de Mészáros)

Assim, é a própria *obra global* de Marx que serve a Mészáros em seu esforço de conceituação da sociedade de seu tempo. Mais especificamente, o *movimento* dessa obra é que é tomado como princípio orientador da nova síntese teórica.

Isso é visível, por exemplo, em certas passagens de *Para além do capital*, quando o filósofo húngaro delineia traços essenciais de sua forma de abordagem teórico-metodológica a respeito do problema do *ser* do capital. O título do volume – *Para além do capital* –, como esclarece o próprio autor, deve ser entendido em três sentidos: 1) a revolução precisa se orientar pelo objetivo de superar o *capital em si*, e não apenas o capitalismo; 2) deve-se ir além da teorização do próprio Marx sobre o capital, ainda que, para isso, certamente, seja necessário se orientar pelo *espírito* de sua obra – espírito este corporificado no projeto de *crítica revolucionária do capital*; e 3) ir além do “projeto marxiano em si”, tal como ele foi concebido no contexto da ascendência histórica do capital, no século XIX, quando uma série de possibilidades de desenvolvimento para o sistema ainda não eram passíveis de serem vistas e compreendidas com a devida propriedade.

Incorporando essa ideia, Mészáros acredita estar realizando uma “apro-

priação criativa da concepção original de Marx” (2002, p. 520), e, nesse percurso, faz questão de ressaltar três pontos que considera fundamentais: o primeiro deles “diz respeito à exigência de nos orientarmos pelo *espírito* da obra de Marx” (*idem ibidem*), ou seja, o propósito de, partindo-se de uma perspectiva estruturalmente antagônica ao ponto de vista do capital, desenvolver uma teorização que vise à superação desse sistema – em outras palavras, que busque a *transcendência positiva da autoalienação do trabalho*<sup>11</sup>. Isto exige, inevitavelmente, que se “modifique significativamente” algumas das proposições de Marx, em virtude das alterações históricas no conjunto das relações *reais* em função das quais o instrumental conceitual fora originariamente definido. Como diz o autor de *Para além do capital*:

Apelar ao espírito da obra de Marx, portanto, significa antes de tudo empreender a *crítica interna* necessária, nas palavras do próprio Marx, isto é, a “modificação significativa” de algumas proposições específicas, à luz da teoria como um todo e, portanto, a remoção de todas as “abstrações” e unilateralidades removíveis. (*ibidem*, p. 521)

A segunda consideração teórico-metodológica está associada à primeira e emerge do “caráter incompleto do projeto de Marx”. Diz respeito ao fato de que, em virtude das transformações ocorridas na história, surge para nós a exigência de colocarmos uma *nova questão vital*, cuja resolução é uma das tarefas primordiais do empreendimento crítico socialista atual. Sobre esse novo problema, que exige solução premente, Mészáros afirma o seguinte:

a questão vital diz respeito ao possível *deslocamento* das contradições do capital que não podem sequer ser tocadas, para não dizer examinadas sistematicamente, sem uma investigação adequada da estrutura mais abrangente em que tais contradições podem ser deslocadas: a saber, a confrontação global do capital na qualidade de totalidade complexa com a totalidade do trabalho. (*idem ibidem*)

O terceiro ponto – o mais importante, segundo Mészáros – diz respeito ao

<sup>11</sup> Ressalte-se aqui o vínculo entre o projeto teórico-político de *Para além do capital* com as obras anteriores de Mészáros, especialmente *A teoria da alienação em Marx*. O próprio filósofo húngaro afirma, nesse sentido: “O presente volume [isto é, o livro *Para além do capital*] tenciona ser uma contribuição para a tarefa de reavaliação e esclarecimento teórico. Como já mencionado no Prefácio da terceira edição de *Marx's Theory of Alienation* de 1971, todo o projeto surgiu a partir da análise da crítica da alienação de Marx, em relação à afirmação feita tanto no Oriente como no Ocidente (e no Ocidente, especialmente nos Estados Unidos, por pessoas como Daniel Bell) de que a preocupação de Marx com a emancipação da regra do capital pertencia ao século XIX, pois não apenas as classes e os antagonismos de classes, mas todos os aspectos da alienação haviam sido irreversivelmente superados com sucesso” (2002, p. 44).

“impacto dos acontecimentos sociais pós-marxianos sobre a orientação da teoria” (*ibidem*, p. 522). Isso não significa que, com uma conjuntura histórica diferente, devamos desconsiderar completamente as teorizações de Marx sobre o capital feitas no passado, e sim, como dissemos antes, que estas devem ser *reavaliadas à luz do presente*. “Os horizontes de uma época histórica definem inevitavelmente os limites de qualquer teoria, mesmo das mais grandiosas” (*idem ibidem*), afirma o filósofo húngaro. Da época de Marx até nossos dias, muitos acontecimentos relevantes marcaram a história, revoluções ocorreram e foram derrotadas, o capital transformou-se, novos tipos de crises e contradições surgiram, etc. Tudo isto deve ser levado em conta, pois, no processo de atualização da teoria marxista<sup>12</sup>. Como afirma o filósofo húngaro, sinteticamente:

Tal teoria [isto é, a *teoria marxista da transição*, que se está buscando construir a partir da reavaliação da obra de Marx à luz das novas condições históricas] deve ser ao mesmo tempo flexível em suas partes, *conferindo todo peso às circunstâncias reais que se deslocam tortuosamente*, e firmemente sem concessões em sua orientação estratégica para a nova forma histórica. Hoje, dado o colapso das sociedades do “socialismo real” no ambiente geral da crise estrutural do capital, o exame crítico desses assuntos não é mais uma especulação abstrata sobre algum futuro remoto, como costumava ser na época em que Marx viveu. E, embora Marx pudesse ainda condenar tais especulações como um *desvio* das tarefas reais, hoje a posição é completamente oposta. Evitar esses problemas é que passa a constituir um “desvio” intolerável da necessidade de produzir algumas estratégias viáveis para o futuro em construção. (*ibidem*, p. 523; grifos nossos)

Considerar a obra global de um autor filosoficamente representativo, tomar essa teoria a partir do seu movimento genético-constitutivo, resgatar o espírito crítico radical aí presente, modificar significativamente os elementos insuficientes a partir da luz conferida pelo presente histórico, com seus problemas específicos e desenvolvimentos singulares, fazendo tudo isso a partir do ponto de vista dos trabalhadores e visando ao futuro emancipado da humanidade: tais são pressupostos basilares da forma peculiar de leitura de Marx por Mészáros e que estão na raiz de seu método teórico-investigativo.

Partindo de tais premissas é que o filósofo húngaro desenvolve a sua pesquisa no intuito de caracterizar o capital em nosso tempo histórico – a sua *crise*

<sup>12</sup> Um dos acontecimentos históricos mais significativos para a atualização da crítica marxista levada a efeito por Mészáros é, sem dúvida, o conjunto de experiências sociais e políticas das sociedades denominadas por ele de *pós-capitalistas* (ou *pós-revolucionárias*), em especial a URSS.

*estrutural* –, atualizando, a seu modo, tanto a teoria de Marx sobre o capital quanto o projeto de transição revolucionária socialista fundado na concepção da *revolução permanente*, tal como anteriormente desenvolvida pelo grande pensador alemão.

### Referências bibliográficas

- CHASIN, J. *Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- HARVEY, David. *Para entender O Capital* – Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Marx, nosso contemporâneo, e seu conceito de globalização”, 2004. In: <[http://resistir.info/serpa/comunicacoes/meszáros\\_globalizacao.html](http://resistir.info/serpa/comunicacoes/meszáros_globalizacao.html)>. Acesso em 01/07/2014.
- \_\_\_\_\_. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia, ideologia e ciência social*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Estrutura social e formas de consciência*, vol. 1: A determinação social do método. São Paulo: Boitempo, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- \_\_\_\_\_. *O conceito de dialética em Lukács*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- NETTO, José Paulo. “Introdução” In: LUKÁCS, György. *Socialismo e democratização*. Escritos políticos 1956-1971. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- PINASSI, Maria Orlanda. “István Mészáros, um clássico do século XXI.” In: JINKINGS, Ivana & NOBILE, Rodrigo (orgs.). *István Mészáros e os desafios do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

Artigo encomendado pelo Comitê Editorial, em homenagem a István Mészáros